

## ‘SARAVÁ ZIFIU!’: A INTEGRAÇÃO DO PREFIXO ‘ZI’ EM AFRO-VARIEDADES DO PORTUGUÊS

LAURA ÁLVAREZ LÓPEZ\*

**RESUMO:** Tendo como pano de fundo a pesquisa sobre a participação de africanos e afrodescendentes na constituição do português brasileiro, o objetivo deste trabalho é analisar ocorrências do prefixo *z’/zi*, assim como sua variante *ji*, em representações orais e escritas da fala de africanos e seus descendentes no Brasil, e compará-las com ocorrências da mesma partícula em variedades do português africano. As questões de pesquisa são: qual é a origem desta partícula e como se deu sua integração no português brasileiro e nas variedades do português africano? Argumenta-se que a partícula em questão é um vestígio de prefixo de classe nominal de origem bantu que perdeu a sua função gramatical.

**PALAVRAS-CHAVE:** contato linguístico, português Brasileiro, afro-português.

**ABSTRACT:** Within the research on the participation of Africans and their descendants in the formation of Brazilian Portuguese, the aim of this paper is to analyze occurrences of the prefix *z/zi*, as well as its variant *ji*, in oral and written representations of speech of Africans and their descendants in Brazil as well as in Africa. The main issues are: a) what is the origin of this particle and how was it integrated into varieties of Brazilian and African Portuguese? It is argued that the particle *zi* is a remnant of a Bantu noun class prefix which has lost its grammatical function.

**KEYWORDS:** Language contact, Brazilian Portuguese, Afro-Portuguese

### INTRODUÇÃO

A presença histórica de falantes de línguas africanas no Brasil tem ocupado grande parte dos debates sobre o processo de formação do português brasileiro. Em geral, as discussões estão marcadas pela polarização de ideias sobre a questão do aporte dos falantes de línguas africanas e seus descendentes no processo de fixação das particularidades linguísticas que singularizam o português brasileiro frente ao português europeu. No que concerne especificamente aos estudos favoráveis à ideia de ter havido um aporte da população de origem africana na fixação de marcas linguísticas singularizadoras de variedades de português brasileiro, os argumentos apresentados partem parcialmente da observação de paralelismos entre essas marcas e aquelas encontradas em variedades do português africano.

---

\* [laura.alvarez@ispla.su.se](mailto:laura.alvarez@ispla.su.se)

Tendo em conta o acima exposto, o objetivo deste estudo é analisar a integração do prefixo *z’/zi*, assim como sua variante *ji*, em um conjunto de fontes que incluem representações orais e escritas, assim como descrições do português falado por africanos e seus descendentes no Brasil e em variedades do português africano. As questões que norteiam o presente estudo são: qual é a origem desta partícula e como se deu sua integração em afro-variedades do português?

## CORPUS E MÉTODO

Dada a escassez de outros dados linguísticos diacrônicos, os linguistas que estudam afro-variedades do português têm se valido, assim como no caso do presente artigo, de representações escritas da fala desses grupos – sejam estes exageros ou estereótipos, sejam representações cuidadosas da oralidade por meio de recursos utilizados por autores que procuram refletir modalidades de fala divergentes da linguagem considerada padrão. No que diz respeito à oralidade, foram considerados neste trabalho dados de comunidades afro-brasileiras isoladas, assim como dados da fala de entidades como os “pretos-velhos” da Umbanda que, ao representarem a memória da escravidão, revelam um comportamento linguístico associado a essa condição: uma fala particular e supostamente “desviante”, como deveria ser a fala de um velho escravo africano (cf. Alkimi e Álvarez López, 2009; Bonvini, 2000). Os cerca de 200 exemplos aqui analisados do prefixo em questão provêm das seguintes fontes (em total 13 fontes):

- Representações escritas da fala de negros incluídas na reedição de três cordéis anônimos sem data (Diniz/Oliveira 1999<sup>1</sup>).
- Representações escritas da fala de negros apresentadas em histórias e músicas coletadas por folcloristas e historiadores (Nery 1889; Martins 1912; Andrade 1934; Brandão 1949; Duarte 1957; Ribeiro 1968<sup>2</sup>; Neves 2004).
- Representações da fala de negros e escravos publicadas em um jornal do século XIX (*A Evolução*, Campos dos Goytacazes, 20 de maio de 1886, página 1, citado em Gomes, no prelo).
- Representações escritas de fala de ‘pretos-velhos’<sup>3</sup> e músicas de ‘pretos-velhos’ encontradas em publicações sobre a Umbanda (Zespo 1951; Mandarinó 1967).
- Representações orais: dados de fala de pretos-velhos (Bonvini, 2000); gravações realizadas durante trabalho de campo em comunidades de Umbanda (Alkimi/Álvarez López, 2005).

---

<sup>1</sup> Segundo os editores, o texto teria sido escrito entre 1858 e 1865.

<sup>2</sup> Ribeiro coletou quadras em 1968 que já tinham sido publicadas em um jornal local em 1888.

<sup>3</sup> O preto-velho ou preta-velha é o espírito de um escravo de idade avançada que se caracteriza pela sua paciência e sabedoria.

<sup>4</sup> Publicado originalmente em 1880-1886.

Os dados acima referidos são complementados com exemplos retirados de estudos sobre variedades de português brasileiro (Amaral, 1920 [1980]; Azevedo, 1984; Bueno, 1954; Byrd, 2005; Castro, 2001; Coelho, 1967<sup>4</sup>; Laytano, 1936; Machado 2012; Melo, 1946; Mendonça, 1933; Raimundo, 1933; Ribeiro, [1888-1889] 1939; Vasconcellos, 1883) e exemplos do mesmo fenômeno observados em variedades de português na África, com as quais os dados brasileiros são comparados (Cannecattim 1805, Chatelain 1888-1889; Johnson, 1930; Mingas 2000, Ribeiro, 1939).

Cabe destacar que a variedade de dados e fontes nos quais a partícula *ji/zi* tem sido registrada dificulta o seu estudo. Não obstante, é importante salientar o fator unificador desses dados, que consiste no fato de os exemplos analisados serem representações – orais ou escritas – do português falado por personagens africanos e afrodescendentes. Fora o caso dos cordeis anônimos, os autores das fontes consultadas são conhecidos e conviveram, no Brasil, com os grupos cujas falas são representadas. Por isso, podem-se exagerar os traços linguísticos até certo ponto; ao mesmo tempo, contudo, os leitores ficariam desconfiados, caso as representações se afastassem de modo marcante da realidade (Baker e Winer, 1999: 104; Álvarez López, 2008).

Nessa perspectiva, constata-se que vários autores fornecem dados específicos, como a idade dos informantes (Andrade, 1934) e o método de transcrição. Brandão (1949: 122) assinala que documentou histórias “relatadas pelo velho amigo Castro Azevedo, anos atrás”, e que teve o cuidado de transcrever “procurando gravar a pronúncia de gíria africana, de fala de negro da costa, que os contadores de tais estórias ainda hoje empregam na narrativa”. Duarte (1957, sem página) informa que ao seguir “o exemplo de outros autores, procurei reproduzi-las [as histórias do Pai João] com toda a exatidão, não só na grafia dos modismos peculiares ao negro africano, como no enredo”. Da mesma maneira, Zespo (1951: 5), afirma que o “ponto” deve ser cantado com música exata e letra idêntica àquelas fornecidas pelo espírito, destacando que não se deve modificar a letra em função de “erros”.

Propõe-se aqui que, se um traço linguístico atribuído a indivíduos de origem africana é frequente, mostrando-se estável ao longo do tempo e aparecendo em diferentes fontes, escritas por diferentes autores, com diferentes fins e em diferentes regiões geográficas e momentos históricos, é muito provável que, em algum momento, realmente tenha sido característico da fala do grupo estudado<sup>5</sup>. A presença do prefixo em dados coletados em comunidades afro-brasileiras no século XXI (Byrd 2005; Machado 2012) sustenta a validade das representações escritas.

---

<sup>5</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre fontes escritas como documentação da fala de africanos e seus descendentes no Brasil ver Álvarez López (2008).

<sup>6</sup> Publicação póstuma que apresenta dados do Dicionário Gramatical do mesmo autor, publicado em 1888-89.

## PRESENÇA E ORIGENS DE ‘ZI’ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O *Dicionário Gramatical* de João Ribeiro é, segundo meu conhecimento, o primeiro estudo que menciona a possibilidade de analisar a partícula em questão, considerando o contato entre a língua portuguesa e as línguas do grupo Bantu faladas em Angola, lugar de origem de muitos dos africanos introduzidos no Brasil (ver Ribeiro 1939<sup>6</sup>: 83-97). O mesmo autor alega que “os negros do Brasil, quando falam o português repetem por aliteração a *partícula prefixa* inicial em todo o corpo da frase”, como em:

*Z’ere z’mandou z’dizê*” (<ele mandou dizer, Ribeiro 1939: 96).

Tendo consultado a obra de Bentley (1887) sobre a “língua do Congo” (quicongo), Ribeiro salienta que a partícula *z’* seria “uma reminiscência da gramática geral das línguas do *bantú*: a concordância por aliteração. Não sabemos que exista vestígio dessa sintaxe na linguagem do Brasil, a não ser na *meia língua* de africanos que estropiam o português” (Ribeiro 1939: 96-97).

O *ji*, menos comum que *z’/zi*, foi encontrado apenas em letras de músicas folclóricas (Neves, 2004) e nas gravações realizadas em comunidades de Umbanda. Além disso, *ji* foi registrado em vários estudos de caráter linguístico realizados no Brasil (Angenot e Jacquemin, 1976; Bonvini, 2000; Byrd 2005; Castro, 2001<sup>7</sup>; Laytano, 1936; Machado 2012; Raimundo, 1933; Ribeiro, 1939).

No que diz respeito às suas origens, trata-se de um marcador de classe nominal muito comum na maioria das línguas do grupo Bantu (Kadima, 1969: 59), usado sobretudo como prefixo de plural para substantivos que designam animais, mas também diversos objetos inanimados (cf. Chatelain, 1888-89: 7; Laman, 1912: 59; Mutaka e Tamanji, 2000: 151). Nessas línguas existem normalmente 10-20 classes em que os nominais estão organizados (cf. Castro, 2001: 32-33; Mingas, 2000: 68; Mutaka e Tamanji, 150-152). Todos os substantivos possuem um prefixo que indica a classe nominal à qual o mesmo pertence e inclui informação no que diz respeito ao número (por exemplo: *mu- ba-*; *mi- li-*, etc.). As classes de singular formam duplas com as de plural (Mingas, 2000: 69).

As classes nominais que incluem o maior número de substantivos levam prefixos que fazem parte do grupo de morfemas mais recorrentes nas línguas do grupo Bantu (Baker, 1984: 110). Nas referidas línguas, esses prefixos são utilizados como marcadores de plural antes dos substantivos e também como partículas de concordância. Tais partículas são incorporadas aos adjetivos, demonstrativos, pronomes, verbos, etc. que fazem referência ao mesmo substantivo. Assim, a concordância é marcada, sempre que possível, por meio de prefixos que diferem quanto à forma, a depender do contexto fonético.

No caso específico de *zi/ji*, é muito provável que, no Brasil, seja de origem quimbundo/quicongo (Castro, 2001: 90; Jouni Maho, comunicação pessoal). Na

<sup>7</sup> Grande parte dos dados incluídos nessa obra foram coletados para a tese de doutorado de Yeda Pessoa de Castro (1976).

obra de Pedro Dias (1697) sobre o quimbundo, a forma *Gi* aparece como partícula ou sílaba que precede um conjunto de substantivos na forma plural. Chatelain (1888-89: 38), na sua gramática de quimbundo, afirma que “j ante i pode estar em vez de z”, troca que seria uma das diferenças entre o “dialeto do Sertão” e o de Luanda, o que explica a variação entre as formas *zi/ji*.

Segundo Angenot e Jacquemin (1976: 13; 19-20), o *zi/ji* encontrado no Brasil teria origem no prefixo pluralizador da classe 10 nas línguas quicongo e quimbundo, descartando o umbundo, cujo prefixo da classe 10 é *o-lo-N*, como sua origem. Bonvini (2000: 404), por sua vez, relaciona o *ji* da linguagem dos pretos-velhos ao prefixo */ji-/* da classe 10 do quimbundo.

É possível que o quimbundo tenha tido um papel determinante para a presença da referida partícula em afro-variedades do português, já que a classe 9 (que marca o singular e forma a dupla com a classe 10) carece de prefixo, isto é, a marca do singular das palavras desta classe é  $\emptyset$ , como em português. Esse fato pode ter facilitado a integração de palavras portuguesas às classes nominais 9/10 que são classes nas quais cabem muitos substantivos, visto que abrangem tanto objetos animados como inanimados (Chatelain, 1888-89: 7; Johnson, 1930: 29; Katamba, 2006; Maho, 1999: 55; Mataka e Tamanji, 2000: 151). Uma estratégia já observada no que diz respeito a empréstimos lexicais nas línguas do grupo Bantu é que tais empréstimos passam, muitas vezes, a fazer parte das classes que carecem de prefixo (Winford, 2003: 49).

Estudos sobre o léxico brasileiro vêm mostrando que os vocábulos de origem bantu provêm principalmente de três línguas – quicongo, quimbundo e umbundo, cujos falantes foram introduzidos no Brasil em grande número, sobretudo no correr do século XVII (Angenot e Jacquemin 1976; Castro 2001). Conforme Angenot e Jacquemin (1976: 2), muitas vezes a fonte mais provável para os traços linguísticos de origem africana no Brasil “é constituída de um conjunto de línguas aparentadas e partilhando de uma mesma fonte comum, ainda que uma dessas línguas tivesse representado um papel motor determinante”. Os dados analisados sugerem que os falantes de quimbundo que aprendiam português desempenharam um papel determinante no que diz respeito à integração da partícula a afro-variedades do português brasileiro.

## CARACTERÍSTICAS DE REPRESENTAÇÕES E REGISTROS

As representações orais registradas em comunidades de Umbanda têm o maior número de ocorrências de *ji*. Nessas comunidades, o acréscimo de *zi/ji* como prefixo é frequente e caracteriza a fala de entidades chamadas “pretos-velhos”, espíritos de velhos escravos africanos (cf. Alkmim e Álvarez López, 2009; Álvarez López, 2007; Bonvini, 2000; Castro, 2001: 90). Um exemplo dessa fala é:

*Saravá Ziffo...qui Zambi ti abençoí, muleca!...cumu vai vançucê?” (ziffo<filho)*  
(Mandarino 1967: 20).

Existem ainda representações escritas da fala dos pretos-velhos como os “pontos”, cantos rituais dedicados a esses espíritos (cf. Mandarino, 1967; Zespo, 1951).

A fonte que apresenta mais ocorrências da partícula *z/zi* é a edição dos cordéis produzidos no século XIX e publicados em 1999 (Diniz e Oliveira, 1999). Esses textos representam diálogos em verso entre dois negros idosos: Pai Manoel e Pai José. A partícula em questão aparece igualmente em várias músicas que, segundo as informações fornecidas nas fontes, eram cantadas por negros e escravos<sup>8</sup>. Nas histórias folclóricas (Brandão, 1949; Duarte, 1957), o *zi* está presente na fala de Pai João, figura que aparece como personagem central de um ciclo de histórias, contos, versos e cantigas em finais do século XIX (Abreu, 2004).

### **Divergências entre representações orais e escritas**

A comparação das representações orais e escritas torna-se relevante na medida em que a presença da partícula *z’/zi/ji* em representações orais da fala de escravos brasileiros observadas em comunidades afroreligiosas corrobora a validade das fontes escritas no século XIX (cf. Lipski, 1995: 16).

Nos dados disponíveis, a partícula *z’/zi/ji* precede tanto substantivos como verbos e adjetivos em posições variadas (sujeito, complemento). Já na fala dos pretos-velhos, a partícula é frequente e funciona como marca emblemática. Ao estudar a linguagem utilizada pelos pretos-velhos, Bonvini (2000) interpreta o *ji* como um morfema plurifuncional, cuja função gramatical seria a de determinante, isto é, marcador de contraste em relação a outros elementos, tanto no nível do sintagma nominal como no do enunciado.

De fato, em muitos dos exemplos registrados, é possível interpretar a partícula *zi/ji* como vestígio de uma marca de plural/determinante (cf. Ribeiro 1939:96-97; Vasconcellos 1883: 226). Não obstante, constata-se que a posição da partícula não é a mesma nas fontes escritas e nas representações orais analisadas por Bonvini (2000: 401-404), cuja análise sugere:

- a) que só o determinante leva a marca de plural
- b) a pós-posição do pronome possessivo (*ji-povu meu<o meu povo*)
- c) anteposição do possessivo precedido e seguido por *ji* (*ji-mia ji-têra<a minha terra*)

Os seguintes exemplos mostram que as posições da partícula não coincidem com os dados orais acima referidos:

*Vá lavá tua zipé* (<teus pés, Andrade, 1934: 89).

*P’ra levar todos zi mali/De suas zi fio, em sua gongá/* (<os males; <seus filhos, Mandarino, 1967: 63).

*Corta, corta meus jisoldados* (<meus soldados, Neves, 2004, sem página).

*vendo por dois zivitem* (<dois vinténs, Brandão, 1946: 132).

---

<sup>8</sup> Vasconcellos 1883; Nery 1889; Martins 1912; Andrade 1934; Coelho [1880-1886] 1967; Ribeiro 1968; Neves 2004.

Tendo em conta que os dados de que se dispõe são limitados, e considerando as divergências entre as representações escritas e orais, pode-se confirmar a presença do *z'/zi/ji* em um conjunto de fontes variadas, mas não há como fixar uma função gramatical exclusiva ou uma colocação determinada para esta partícula.

### Paralelos com outras variedades afro-latinas

Lipski (1995) constata que muitos dos traços presentes no português falado atualmente como segunda língua em Luanda também aparecem em textos afro-brasileiros da época da colônia, o que indica que os dados de duas regiões e épocas diferentes refletem a aquisição de português como segunda língua por falantes de línguas do grupo Bantu. Existe a possibilidade de verificar, até certo ponto, a validade dos dados presentes em representações de fala através da comparação dos traços registrados em variedades linguísticas afro-hispânicas. Pesquisas recentes vêm demonstrando que existem traços linguísticos que aparecem de maneira relativamente uniforme em várias áreas da América Latina, do Caribe e da África, onde a população afrodescendente predomina (cf. Perl e Schwegler, 1998: 6; Zimmermann, 1999; Lipski, 2005).

De meu conhecimento, não existem outras variedades linguísticas originadas pelo contato entre línguas do grupo Bantu e línguas ibero-românicas que tenham incorporado a partícula *z'/zi/ji*. Porém, Schwegler (1998: 259-62) salienta a presença do que chama de “pluralizador analítico”, a partícula *ma*, também de origem bantu (supostamente quicongo), no crioulo palenquero da Colômbia. João Ribeiro (1939: 96-97) compara as ocorrências de *z'* justamente com exemplos do uso do prefixo *ma* “na língua do Congo”, afirmando que “aparece no substantivo [...] vem obrigatoriamente nos adjetivos, verbos e pronomes que ao substantivo se referem [...]”.

Embora o prefixo *zi* seja, em quicongo, realizado apenas quando o substantivo carece de determinante (Laman, 1912: 75), no sistema de artigos palenqueros, o artigo indefinido singular é  $\emptyset$  e o definido, *un*; as formas de plural são *ma* e *un ma*. Existem no Brasil combinações semelhantes às do palenquero com o artigo português e a partícula de origem bantu (Bonvini, 2000). Contudo, nos dados brasileiros, a estrutura registrada é diferente, sendo que, conforme a interpretação de Bonvini (2000: 403), as formas *zi-uma pèda* (<uma pedra, só uma pedra) e *um zi-pèda ki* (<uma pedra que) são singulares, e o *ji-* tem a função de determinante. Não foi possível fazer interpretações alternativas dessas formas a partir do contexto linguístico fornecido por Bonvini.

### A INTEGRAÇÃO DE ZI/JI E AFRO-VARIEDADES DO PORTUGUÊS

Conforme Winford (2003: 59), o grau de integração fonológica, morfológica e sintática dos empréstimos lexicais observados em processos de contato interlingüístico é variável. Observa-se, no caso da partícula em questão, que a sua integração se dá de várias formas diferentes.

## Integração de *zi/ji-* em vocábulos de origem africana no Brasil

Angenot e Jacquemin (1976: 13) afirmam que os prefixos de origem bantu se integram ao sistema da língua portuguesa fundindo-se ao radical nominal do qual eles não se distinguem mais. Esses mesmos autores apresentam os seguintes exemplos encontrados no Brasil:

- zingombe* (<*zi-n-gombe* ‘boi’, Angenot e Jacquemin 1976: 19).
- jimbongo/zibongu* (<*zi-m-bongo*, ‘dinheiro’, Angenot e Jacquemin 1976: 19).
- jindungo* (<*zi-n-dungu*, ‘pimentas’, Angenot e Jacquemin 1976: 19).
- zingôma* (<*zi-n-goma*, ‘tambores’, Angenot e Jacquemin 1976: 20).
- zinguba* (<*zi-n-guba*, ‘amendoins’, Angenot e Jacquemin 1976: 20).

Winford (2003: 48-49) chama a atenção para casos semelhantes de adaptação e integração de prefixos de classe nominal em empréstimos do árabe e do inglês na língua suaíle, também do grupo Bantu.

Vários estudos irão apresentar registros análogos, todos com o significado de dinheiro:

- jibungo/jimbongo* (Raimundo, 1933: 135).
- jibundo/jibungo/jibungu* (Laytano, 1936: 46).
- jimbongo/zibongu* (Angenot e Jacquemin, 1976: 19).
- ji-bongu* (Bonvini, 2000: 403).
- jimbongo/jimbungo* (Castro, 2001: 260).

Enquanto Castro (2001: 260) classifica *jindungo* como pertencente à linguagem ritual do candomblé (língua de santo), Laytano (1936) afirma, fazendo referência ao dicionário de Macedo Soares (1888), que o vocábulo só é “usado por negros”; ou seja, o fator unificador dos dados analisados está presente em ambos os casos: trata-se da fala de um determinado grupo na sociedade.

No que diz respeito à sua função, Ribeiro (1939: 88) associa a partícula às funções gramaticais de demonstrativo e marcador de plural: “A palavra ‘dinheiro’ toma indiferentemente as formas *bungo* e *jibungo*. Cumpre notar que esse próprio *ji* – é uma característica de plural – isto é – não perdendo a sua categoria de demonstrativo.” Bonvini (2000: 403) também assinala a presença das duas formas diferenciadas – *bongu* e *ji-bongu*, sugerindo que a partícula *ji* ainda dispõe de uma função gramatical produtiva na fala dos pretos-velhos. Ainda sobre o mesmo vocábulo, Cannecattim (1805: 8) explica que:

Ha também o nome Jibungo, que carece do singular, que quer dizer os dinheiros, ou as moedas, se bem ha outro nome que significa o mesmo dinheiro, que pôr-se-ha entre os nomes da terceira declinação; se ha pois outros nomes que carecem do singular, ou plural, deve ser cousa rara.

Nesse sentido, é igualmente interessante notar que Mingas (2000: 84) observa alterações relacionadas com um fenômeno que ela interpreta como um processo

de *singularização dos plurais* do quimbundo no português de Luanda. Trata-se de itens lexicais que “entram em português como se estivessem no singular”:

*jinguba* (<ji-nguba, ‘amendoim’, Mingas 2000: 84; Castro 2001: 261; Byrd 2005: 204).  
*zinguba* (<zi-nguba, ‘amendoim’, Angenot e Jacquemin 1976: 21).

Exemplos similares, onde os prefixos de classe nominal das línguas do grupo Bantu se incorporam ao vocábulo que entra como empréstimo lexical na língua portuguesa, tanto no Brasil como na África, seriam:

*miçanga* (<mi-nsanga<sup>9</sup>, Castro 2001: 283).  
*missanga* (<mi-nsanga, Mingas 2000: 84).

Na sua forma atual, esses itens formam o plural como as palavras portuguesas, ou seja, com o sufixo *-s* de plural: *uma miçanga, duas miçangas*. Nesses casos, uma interpretação possível é que o prefixo bantu passa por um processo de singularização ao ser incorporado aos vocábulos portugueses. Note-se ainda que os exemplos acima envolvem substantivos que podem ser classificados como coletivos, fato que pode ter facilitado o processo de singularização.

Outra interpretação possível é que esses e outros empréstimos lexicais das línguas do grupo Bantu em afro-variedades do português refletem processos graduais de reinterpretação dos limites dos morfemas por parte dos descendentes de falantes de línguas africanas (cf. Baker, 1984; Parkvall, 2000: 81-83).

### **Integração de *ji-* em vocábulos de origem portuguesa na África e no Brasil**

Johnson (1930) e Chatelain (1888-89) afirmam que o prefixo *ji* do quimbundo é utilizado como pluralizador de palavras de origem portuguesa na África e fornecem os seguintes exemplos:

*jikabalu* (<ji-kabalu do português *cavalo*, Chatelain 1888-89: 7).  
*jikoloda* (<ji-koloda do português *cordão*<sup>10</sup>, Johnson 1930: 86).  
*jimosa* (<ji-mosa do português *moça*, Johnson 1930: 86).  
*jianju* (<ji-anju, do português *anjo*, RIBEIRO e MANIACKY 2012).

<sup>9</sup> Em Angola significa “jóias tradicionais”; no Brasil é utilizado em comunidades afroreligiosas para denominar as contas de vidros coloridas com as quais se fazem os colares para os iniciados.

<sup>10</sup> Embora o autor indique essa origem, é provável que o étimo seja corda.

<sup>11</sup> Ribeiro não fornece a referência exata para o dicionário de Cannecattim. Conforme a PORBASE (base portuguesa de dados bibliográficos) Fr. Bernardo Maria de Cannecattim é autor de 3 obras: Dicionário da língua bunda ou angolense explicada na portugueza, e latina (1804), Lisboa: Imprensa Regia; Collecção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda ou angolense (1805), Lisboa: Imprensa Regia e Collecção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda e angolense (1859) 2ª ed., Lisboa: Imprensa Nacional. Constatou-se que outros autores brasileiros, por exemplo, Jacques Raimundo (1933: 189) e Renato Mendonça (1973[1933]: 187) fazem referência a Cannecattim (1804; 1859).

Raimundo (1933: 52-53) alega que as partículas *zi/ji*, que, segundo ele, pertencem ao quicongo e ao ambundo (quimbundo), “aplicam-se de sobre maneira aos nomes estranhos”, como no caso dos empréstimos lexicais portugueses. Da mesma forma, Ribeiro (1939: 88), remetendo ao “DICC. De Cannecatim” (sic)<sup>11</sup>, explica que, devido ao “artigo ambundo”, algumas palavras portuguesas “foram transcritas sob diversas fôrmas” e fornece os seguintes exemplos, tirados de Cannecatim:

*jifunête* (<ji-alfinête, Ribeiro 1939: 88).

*jiguia* (<ji-agulha, Ribeiro 1939: 88).

*jialagema* (<ji-alagema, Ribeiro 1939: 88).

*jichimbu* (<ji-chumbo, Ribeiro 1939: 88).

Foi possível encontrar dois outros exemplos do mesmo fenômeno, um com o prefixo *ji*, outro com o prefixo *ku*, na obra de Cannecatim (1805: 93, 714)

*kuarmazem* (<ku-armazém).

*jismola* (<ji-esmola).

No Brasil, foram registrados os seguintes exemplos:

*jipinica* (<pinica, NEVES 2004, sem página).

*jiviola* (<viola, NEVES 2004, sem página).

*jicadera* (<cadeira, NEVES 2004, sem página).

*jibodoque* (<bodoque, NEVES 2004, sem página).

*jibatão* (<batão, NEVES 2004, sem página).

*jitambor* (<tambor, NEVES 2004, sem página).

*Dá no Bamba com a jicatana* (<catana, Neves 2004, sem página).

*Corta, corta meus jisoldados* (<soldados, NEVES 2004, sem página).

*no pé de jibobêra* (<pé de abóbora, BRANDÃO 1949: 131).

Constata-se que, na maioria dos exemplos encontrados no Brasil, o prefixo precede vocábulos portugueses. A explicação para a presença de um morfema de origem africana nos vocábulos portugueses é provavelmente a influência da língua primeira dos falantes no processo de aquisição espontânea do português (cf. Winford 2003: 17). Durante o processo, o morfema parece ter perdido a sua função gramatical.

### Possíveis casos de aglutinação

Segundo Johnson (1930: 29), o prefixo *ji-* precede palavras iniciadas por consoantes (f, h, k, l, m, n, p, s, t, x) ou pela vogal “i”. Contudo, conforme Chatelain (1888-89: 7), o prefixo precede igualmente palavras iniciadas pelas vogais a, e, o. Nos dados brasileiros, *z’* precede, sobretudo, substantivos e pronomes que começam com a, e, i, o enquanto *zi/ji* precede, majoritariamente, substantivos iniciados por consoante. Nos casos em que *z’/zi* precede palavras em português iniciadas por vogal, existe a possibilidade de explicar a sua presença como uma evolução interna da língua portuguesa. No entanto, vários estudos anteriores

apontam para o contato linguístico como possível causa dessa mudança. Cabe aqui dizer que, neste caso, uma explicação não exclui a outra.

Vasconcellos (1883: 527) já mencionava tanto a evolução interna do português europeu como a analogia com línguas cujos falantes tiveram contato com línguas africanas ao discutir exemplos como *zôio* (<olho), *zotro* (<outro) ou *zêre* (<ele). O mesmo autor (Vasconcellos 1883: 527) explica que a afêrese do *s* “determina o desaparecimento dos pluraes, como em *zêre* (=elles), etc”. Melo (1975: 78-79), descrevendo a “influência africana” no Brasil, retoma alguns dos exemplos de Amaral (sem citá-lo) para argumentar que existem casos em que o *s* do determinante se incorpora à vogal da palavra que o segue. O mesmo autor (Melo, 1975: 79) menciona a ocorrência de *zoreies* no crioulo francês de Trinidad, do francês *les oreilles*. Dessa forma, associa-se a reestruturação observada no Brasil com variedades de contato.

A reinterpretação dos limites de morfemas é relativamente comum em casos de contato linguístico (Parkvall, 2000: 81), que é certamente um dos fatores essenciais na evolução do português brasileiro. Aliás, conforme Baker (1984: 89), as formas aglutinadas como *zom*, do francês *les hommes* (‘os homens’), são comuns em todos os crioulos de base lexical francesa. Também os crioulos de base lexical portuguesa apresentam exemplos como *zálima* (<as almas) e *zonda* (<as ondas) (Ladhams, 2012: 46). O fenômeno de aglutinação, ou neste caso reinterpretação dos limites de morfemas, pode explicar, em parte, a prefixação do *z’* no caso de palavras portuguesas iniciadas por som vogal, que aparecem tanto nas representações como nos estudos linguísticos:

- zarreio* (<arreio), *zarreιά* (<arreiar) (Amaral, [1920] 1982; Melo, [1946] 1975).  
*zôio, abri zôio cu esse gente* (<olho), *zoiá a prucissão passá* (<olha) (Amaral, [1920] 1982; Bueno, 1954; Melo, [1946] 1975; Mendonça, [1933] 1973; Neves, 2004; Révah, 1963; Silva Neto, [1951] 1963; Vasconcellos, 1883).  
*zome* (<homem), *uma sala cheia de zome* (<homens) (Melo, [1946] 1975).  
*zano* (<ano, Amaral [1920] 1982; Mendonça, [1933] 1973).  
*ir simbora, eu vou simbora, zimbora* (<ir-se embora; eu vou-me embora) (Amaral, [1920] 1982; Azevedo, 1984; Mendonça, [1933] 1973; Révah, 1963; Silva Neto, [1951] 1963).  
*zotro, di zotro, zótro tava no parêja, zotru* (<outro) (Azevedo, 1984; Diniz e Oliveira, 1999; Vasconcellos, 1883)  
*pra zóspe* (<hóspede, Diniz e Oliveira, 1999)  
*túro zêsse, pra insiná zêsse preverso* (<esse, Diniz e Oliveira, 1999)  
*zinimica* (<inimigo, Vasconcellos, 1883)  
*zôvo* (<ovo, Brandão, 1949)  
*zêleção* (<eleição, Diniz e Oliveira, 1999)  
*zingrêze* (<inglês, Diniz e Oliveira, 1999)

Da mesma maneira, é possível explicar casos como *zicrito* (<escrito, Vasconcellos, 1883: 526), *zicora* (<escola, Ribeiro, 1968: 171; cf. *sicora*<escola, Mendonça 1973: 64), a partir de mudanças fonéticas como a metátese, isto é, a transposição das letras em uma palavra ou epêntese (ou seja, inserção de um

fonema ou sílaba no interior de uma palavra, como é o caso de *ziriviço* (<serviço, Brandão, 1946: 125). A metátese é mais um fenômeno que aparece de maneira análoga no português angolano: *xikola* (<escola, Johnson, 1930: 88). Esta mudança fonética é igualmente comum em outras variedades afro-latinas e confirma uma tendência observada em variedades de contato entre espanhol, português e línguas africanas em direção à estrutura silábica CV (consoante/vogal, cf. Lispki, 1998).

Nos dados analisados há ainda mais de 60 ocorrências do pronome sujeito de terceira pessoa do singular precedido por *z’* na forma *zêre* (e uma ocorrência de *zêres*), que podem ser interpretadas como formas plurais (Diniz e Oliveira, 1999; Gomes, no prelo; Vasconcellos, 1883). Essa é a forma mais frequente nos dados de que se dispõe, mas não ocorre no português angolano nem na fala dos pretos-velhos.

Mendonça (1973: 67), que discorre sobre a “influência africana” no português do Brasil, cita Amaral e conclui que “para indicar o plural o pronome *ele* pospõe-se ao artigo definido *os*, conservando todavia a invariabilidade completa no gênero: *osêle, eles, elas*”. Amaral (1982: 73) afirma que, na indicação de pluralidade, “o pronome *ele*, se pospõe ao artigo def. *os*, e tanto pode referir-se ao gênero masculino, como ao feminino: *osêle, zêle fôro zimborá – eles (ou elas) foram-se embora.*” A não diferenciação de gênero apontada neste pronome é uma característica típica de afro-variedades das línguas ibéricas que geralmente se explica pela aquisição informal da língua europeia. A confusão de gênero aparece na fala de personagens literários de origem africana que falam português como segunda língua, assim como em dados coletados em comunidades afro-brasileiras isoladas (cf. Alkmim, 2004, Lucchesi, Baxter e Ribeiro, 2009).

Visto que é possível observar várias características comumente registradas em falares afro-brasileiros, a explicação para o surgimento dessa forma poderia apontar para uma combinação de fatores que intervêm em situações de contato linguístico e levam à reinterpretação dos limites dos morfemas durante o processo de aquisição informal de uma segunda língua (cf. Parkvall, 2000: 81-83). Conforme Mello (1996: 138), os casos de aglutinação sugerem que os falantes de línguas africanas tivessem pouco contato com falantes nativos de português. É possível que essa forma seja o resultado de uma mistura entre, por um lado, a partícula *zi* + o pronome português *ele* e, por outro lado, o artigo português *os* + o pronome *ele*. Aliás, *zêre* parece ter se transformado em uma forma fixa, a julgar pela ocorrência de formas aparentemente cristalizadas como *nizêre* (em+eles), *cuzêre* (com+eles).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho propõe que a partícula *z’/zi/ji*, registrada em fontes brasileiras a partir do século XIX, tenha origem em prefixos de classe nominal das línguas quimbundo e quicongo, e que sua presença em variedades de português brasileiro se explica pela presença de falantes dessas línguas no Brasil. Tudo indica que o quimbundo, utilizado como língua franca na África Centro-Ocidental

no século XVIII (Heywood 2001: 103; Slenes 1995), teve um papel determinante no processo de integração dessa partícula em afro-variedades do português.

Com relação à credibilidade dos dados, afirma-se que esta aumenta na medida que existem representações e descrições escritas em diferentes épocas por diversos autores. Verificou-se a presença da partícula *z'/zi/ji* em variedades linguísticas vernáculas de comunidades afrodescendentes tanto na África como no Brasil. A partícula aparece em descrições linguísticas e em representações escritas e orais da fala de negros e escravos a partir do século XIX. Portanto, tudo indica que, em algum momento, foi um traço característico da linguagem de falantes de certas línguas do grupo Bantu que aprendiam português de maneira espontânea.

Ao se integrarem na língua portuguesa, os prefixos de classe das línguas do grupo Bantu aparecem com palavras portuguesas e parecem ter perdido sua função gramatical inicial de partícula pluralizadora/determinante e de concordância, cuja colocação dependia de regras específicas que passaram por um processo de “simplificação”. Constatou-se que a posição da partícula varia nos dados de que se dispõe, mostrando-se bastante produtiva a na fala dos pretos-velhos, embora seja impossível, nesse caso, afirmar que tenha uma função gramatical.

Essa integração de *zi/ji* em vocábulos de origem portuguesa pode ser interpretada como um vestígio de uma partícula com função pluralizadora/determinante que passou por um processo de singularização ao integrar-se à língua portuguesa. Nos casos em que o *ji* aparece com vocábulos de origem africana, pode ainda ter havido uma reinterpretação dos limites dos morfemas, e como resultado dessa reinterpretação, o prefixo não se distingue mais do radical e perde a sua função gramatical.

Finalmente, aponta-se que a importância da participação de falantes de línguas africanas e seus descendentes na formação da língua portuguesa não elimina necessariamente a possibilidade de que fenômenos de caráter fonético já atestados na evolução das línguas românicas, como a aglutinação de artigos, tenham tido um papel importante. A importância desses fenômenos não exclui a possibilidade de o contato linguístico ter reforçado as tendências de mudança internas ou inerentes à língua portuguesa.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, M. Outras histórias de Pai João: conflitos raciais, protesto escravo e irreverência sexual na poesia popular, 1880-1950. *Afro-Ásia*, n. 31, p. 235-76, 2004.
- ALKMIM, T. A variedade linguística de negros e escravos: um tópico do português no Brasil. In: Mattos e SILVA, ROSA V. (ed.). *Para a história do português brasileiro*. Vol. II, Tomo II – Primeiros Estudos. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001. p. 317-335.
- \_\_\_\_\_. Fala de escravos brasileiros e portugueses: um esboço de comparação. Comunicação apresentada no **VI Seminário para a História do Português do Brasil**, Salvador, Bahia, 29 de agosto-2 de setembro, 2004.

- ALKMIM, T. e ÁLVAREZ LÓPEZ, L. Registros da escravidão: as falas de pretos-velhos e de Pai João. *Stockholm Review of Latin America Studies*, n. 4, p. 37-48, 2009.
- ÁLVAREZ LÓPEZ, L. Um estudo sobre a partícula ‘zi/ji’ em representações da fala de africanos e seus descendentes no Brasil”. In: SCHRADER-KNIFFKI, M. e MORGENTHALER GARCÍA, L. (eds.). **Romania en interacción**: Entre historia, contacto y política. Ensayos en homenaje a KLAUS ZIMMERMANN. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/VERVUERT, 2007. p. 391-413.
- \_\_\_\_\_. Fontes escritas como documentação do português falado por africanos e afrodescendentes no Brasil. In: GONÇALVES, C. A. e LEITÃO de ALMEIDA, M. L. (red.). **Língua portuguesa: identidade, difusão e variabilidade**. Rio de Janeiro: AILP/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008. p. 287-302.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira: gramática, vocabulário**. São Paulo: Editora Huitec, 1982 [1920].
- ANDRADE, M. e. **Música doce música**. São Paulo: L. G. MIRANDA Editor, 1934.
- ANGENOT, J-P. e JACQUEMIN, J-P. Identificação de critérios lingüísticos que permitem precisar a origem dos empréstimos bantos no português do Brasil. Comunicação apresentada na **X Reunião Brasileira de Antropologia**, Salvador, Bahia, 22 a 25 de fevereiro, 1976.
- AZEVEDO, M. **Vozes em branco e preto: a representação literária da fala não-padrão**. São Paulo: Edusp, 2003.
- AZEVEDO, R. CORRÊA. Etnografia de uma fala rural: Itapecuru. **Ciência e cultura**, v. 36, n. 5, p. 806-814, 1984.
- BAKER, P. Agglutinated French Articles in Creole French: Their Evolutionary Significance. **Te Reo**, n. 27, p. 89-129, 1984.
- BAKER, P. e WINER, L. Separating the wheat from the chaff. In: BAKER, P. e BRUYN, A. (eds.). **St Kitts and the Atlantic creoles**. The texts of Samuel Augustus Mathews in perspective. London: University of Westminster Press, 1999. p. 103-122.
- BENTLEY, W. H. **Dictionary and grammar of the Kongo language as spoken in San Salvador, the ancient capital of the old Kongo Empire, West Africa**. London: Baptist Missionary Society/Trübner & Co, 1887.
- BONVINI, E. Les langues des ‘Pretos Velhos’ (Vieux Noirs) au Brésil: Un créole à base portugaise d’origine africaine? **Bulletin de la Societé de Linguistique de Paris**, t. XCV, fasc.1, p. 389-416, 2000.
- BRANDÃO, T. **Folclore de Alagoas**. Maceió: Casa Ramalho, 1949.
- BUENO, F. da SILVEIRA. Influência das línguas africanas no português do Brasil. **Jornal de Filologia**, v. 2, n. 3, p. 217-31, 1954.
- BYRD, S. **Calunga, an Afro-Brazilian speech of the Triângulo Mineiro: Its grammar and history**. Tese de Doutorado, Austin: University of Texas, 2005.
- CANNECATTIM, B. M. de. **Collecção de observações grammaticaes sobre a língua bunda ou angolense; e Diccionario da língua Conguesa**. Lisboa: Impressão Régia, 1805.
- CASTRO, Y. PESSOA de. **De l’intégration des apports africains dans les parlers de Bahia au Brésil**. Tese de Doutorado, Universidade Nacional do Zaire, 1976.

- CASTRO, Y. PESSOA de. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- CHATELAIN, H. **Kimbundu grammar**: Grammatica elementar de Kimbundu ou língua de Angola. Genebra, 1888/1889.
- COELHO, A. Os dialetos românicos ou neolatinos na África, Ásia e América. In: BARBOSA, J. MORAIS (ed.). **Crioulos**. [Reedição de artigos publicados no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 1880-1886]. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1967. p. 1-234.
- DIAS, P. **Arte da língua de Angola, oferecida a Virgem Senhora N. Do Rosario, Mãe, & Senhora dos mesmos Pretos**. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1697.
- DINIZ, A. GARCIA e OLIVEIRA, G. MÜLLER de (eds.) **Conversaço**: cordel da cultura afro-brasileira. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Núcleo de Estudos Portugueses, 1999.
- DUARTE, A. Ciclo de Pai João. **Diário de Pernambuco**, Recife, 28 de julho de 1957. <<http://jangadabrasil.com.br/revista/fevereiro63/im63002c.asp> (2 de fevereiro de 2005)>.
- GOMES, F. ‘Novidades de seu pequeno mundo são objeto de conversa’: línguas e falares das nações africanas no Brasil Escravista – um repertório. Comunicação apresentada no Simpósio **Dinâmicas Afro-Latinas: línguas e histórias**, 27-28 de abril de 2011, UNICAMP, Campinas.
- HEYWOOD, L. Portuguese into African: The Eighteenth-Century Central African Background to Atlantic Creole Cultures. In: HEYWOOD, L. (ed.). **Central Africans and Cultural Transformations in the American Diaspora**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 91-114.
- JOHNSON, A. **Mbundo (Kimbundu) English-Portuguese dictionary with grammar and syntax**. Philadelphia: The International Printing Company, 1930.
- KADIMA, M. **Le système de classes en bantou**. Tese de Doutorado. Leuven: Universitet Leyden, 1969.
- KATAMBA, F. Bantu nominal morphology. In: NURSE, D. e PHILIPPSON, G. (eds.). **The Bantu Languages**. London/New York: Routledge, 2003.
- LADHAMS, J. Article agglutination and the African contribution to the Portuguese-based Creoles. In: BARTENS, A. e BAKER, P. (orgs.). **Black through White**. African words and calques which survived slavery in Creoles and transplanted European languages. London/Colombo: Battlebridge, 2012. p. 31-50.
- LAMAN, K. **Lärobok i Kongospråket (Kikongo)**. Stockholm: Svenska Missionsförbundet, 1912.
- LAYTANO, D. de. Os africanismos do dialeto gaúcho. In: Separata da **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. II Trimestre do ano XVI**, 1936.
- LIPSKI, J. Portuguese language in Angola: luso-creoles’ missing link?, 1995 <<http://www.personal.psu.edu/faculty/j/m/jml34/angola.pdf> (20 de agosto de 2005)>.
- \_\_\_\_\_. El español bozal. In: PERL, M. e SCHWEGLER, A. **América negra**: panorámica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas. Frankfurt am Main/Madrid: Iberoamericana: Vervuert, 1998. p. 293-327.
- \_\_\_\_\_. **A history of Afro-Hispanic language**: five centuries, five continents. New York: Cambridge University Press, 2005.
- LUCCHESI, D. BAXTER, A. E RIBEIRO, I. (orgs.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009.

- MACEDO SOARES, A. J. de. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa**: elucidário etimológico crítico das palavras e frases que, originárias do Brasil, ou aqui populares, se não encontram nos dicionários da língua portuguesa, ou nelles vêm com forma ou significação diferente: 1875-1888. [Separata de Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1889, tendo saído só este fascículo na altura].
- MACHADO, E. Remanescentes de falares africanos na região diamantina de Minas Gerais – uma análise de léxico banto em visungo de multa de Milho Verde (Serro/MG). Comunicação apresentada no II Congresso Internacional de dialetologia e sociolinguística, 24-29 de setembro de 2012, UFPA, Belém.
- MAHO, J. **A comparative study of Bantu noun classes**. Tese de Doutorado. Göteborg: Acta Universitatis Gothoburgensis, 1999.
- MANDARINO, E. E. (org.). **O rosário do prêto-velho**. Rio de Janeiro: Eco, 1967.
- MARTINS, A. E. **São Paulo Antigo (1554-1910)**. Vol. 2. São Paulo: Typographia do Diário Oficial, 1912.
- MELLO, H. **The genesis and development of Brazilian Venacular Portuguese**. Tese de Doutorado. New York: CUNY, 1996.
- MELO, G. CHAVES de. **A língua do Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1975 [1946].
- MENDONÇA, R. **A influência africana no português do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973 [1933].
- MINGAS, A. **Interferência do kimbundu no português falado em Lwanda**. Porto: Campo das Letras, 2000.
- MUTAKA, N. e TAMANJI, P. N. **Introduction to African Linguistics**. Muenchen: Lincom Europa, 2000.
- NERY, F. J. de SANTA-ANNA. **Folclore Brasileiro**. 2a ed. Recife: Editora Massangana, 1992 [1889].
- NEVES, G. SANTOS. Ticumbi, 2004. <<http://usr.solar.com.br/~gandalf/ticumbi.html> (2 de junho de 2006)>.
- PARKVALL, M. **Out of Africa**. African influences in Atlantic Creoles. London: Battlebridge Publications, 2000.
- PERL, M. e SCHWEGLER, A. Introducción. In: PERL, M. e SCHWEGLER, A. **América negra**: panorámica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas. Frankfurt am Main/Madrid: Iberoamericana: Vervuert, 1998. p. 2-24.
- RAIMUNDO, J. **O elemento afro-negro na língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Renascença Editora, 1933.
- RÉVAH, I. S. La question des substrats et superstrats dans le domaine linguistique brésilien. In: **Romania**, n. 84, p. 433-450, 1963.
- RIBEIRO, J. **O elemento negro**. História - Folklore – Lingüística. Rio de Janeiro: Record, 1939.
- RIBEIRO, M. de L. BORGES. Influência da cultura angolense no Vale do Paraíba. In: **Revista Brasileira de Folclore**, n. 20, p. 155-172, 1968.

- RIBEIRO, R. M. de LIMA e MANIACKY, J. Crenças e línguas em contato: empréstimos da religião cristã nas línguas bantu. Comunicação apresentada no **13º Encontro da Associação dos Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola**, São Paulo, 1-3 de agosto, 2012.
- SCHWEGLER, A. El Palenquero. In: PERL, M. e SCHWEGLER, A. **América negra: panorâmica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas**. Frankfurt am Main/Madrid: Iberoamericana: Vervuert, 1998. p. 218-291.
- SILVA NETO, S. da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: INL, 1963 [1951].
- SLENES, R. Malungu, Ngoma Vem!: África Encoberta e Descoberta no Brasil. In: **Cadernos do Museu da Escravatura** 1, p. 1-24, 1995.
- VASCONCELLOS, J. LEITE de. Tradições populares e dialecto. In: **Revista de Estudos Livres**, n. 1, p. 525-528, 1883.
- WINFORD, D. **An Introduction to Contact Linguistics**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.
- ZESPO, E. (org.) **Pontos cantados e riscados da Umbanda**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Editora Espiritualista, 1951.
- ZIMMERMANN, K. Substandard' lingüístico, língua não-padrão e mudança no português do Brasil: introdução teórica e metodológica. In: GROBE, S. e ZIMMERMANN, K. (eds.). **Substandard e mudança no português do Brasil**. Frankfurt am Main: TFM, 1998. p. 11-36.
- \_\_\_\_\_. O português não-padrão falado no Brasil: a tese da variedade pós-crioula. In: ZIMMERMANN, K. (ed.), **Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa**. Frankfurt am Main: Vervuert, 1999. p. 441-75.